O PATRIMÔNIO DOCUMENTAL DE JAIME CAVALCANTI DINIZ COMO RECURSO PARA A INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA: DELINEAMENTOS ACERCA DO NASCIMENTO DO CURSO DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE DO RECIFE

Wheldson Rodrigues Marques[48]

RESUMO

Este artigo apresenta um exercício de reflexão sobre a categoria do patrimônio documental como recurso para a pesquisa científica no campo da história. A partir da documentação constituída em razão da trajetória do musicólogo Pe. Jaime Cavalcanti Diniz, realizamos uma leitura preliminar acerca do nascimento do curso de Música da Escola de Belas Artes da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco, estudo que avança na medida em que esses objetos de memória se apresentam como meios para compreendermos as relações entre o processo de gestação e formalização do curso e certos elementos da trajetória de Jaime Diniz, um dos seus fundadores e primeiro diretor nomeado. A documentação selecionada se apresenta como bem patrimonial relacionado a práticas culturais no campo da música. Inclui a correspondência remetida ao sacerdote, incorporada à Biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello, no Instituto Ricardo Brennand, assim como fotografias, textos de jornal, entre outras fontes. Elementos da formação intelectual do padre aliados à articulação das suas redes de sociabilidade foram fundamentais para que Diniz alcançasse a posição de primeiro diretor do curso, o que ao mesmo tempo colaborou para o desenvolvimento de culturas, práticas e saberes musicais locais e garantiu a construção e manutenção de um lugar de destaque e prestígio social no campo da musicologia, do ensino e da pesquisa em música no Brasil, fatores que concorreram para a posterior patrimonialização do seu arquivo pessoal.

Palavras-chave: Patrimônio documental. Jaime Cavalcanti Diniz. Universidade do Recife. Escola de Belas Artes de Pernambuco. Curso de Música.

---

[48] Graduado em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal de Pernambuco e mestre em Ciência da Informação pela mesma universidade. Pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Documentação do Instituto Ricardo Brennand, atua em cooperação com a Biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello. Integra os grupos de pesquisa: Patrimônio Musical no Brasil (PatriMusi), da UFPA, nas linhas *Estratégias para a salvaguarda, preservação, difusão, acesso e educação patrimonial* e *Diálogos interdisciplinares: atividade musical, memória coletiva e identidades em distintas vertentes teóricas*; o Núcleo Pernambucano de Investigação Musicológica (NuPIM), da UFPE, nas linhas *Acervos e fontes de pesquisa em musicologia/etnomusicologia* e *Biografia e História*; e o Núcleo de Estudos Musicológicos (NEMus), da UFBA, nas linhas *Musicologia, suas interfaces e processos inter- e multidisciplinares* e *Repertório Brasileiro de Documentação Musical e Musicográfica: Catalogação, Edição e Pesquisa*. Como pesquisador integrante do NEMus, é também colaborador do RISM-Brasil (*Répertoire International des Sources Musicales* no Brasil), na condição de catalogador de documentos musicográficos, e do Dicionário NEMus-UFBA. Estuda a trajetória, as práticas de pesquisa e documentação do musicólogo Jaime Cavalcanti Diniz (1924-1989). Campos de interesse: História da Ciência; Documentação; Arquivologia Relativa à Música; Musicologia Histórica; História Social da Música. E-mail: wheldson.rodrigues@ufpe.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4333-8373.

ABSTRACT

This article presents a reflection exercise on the category of documentary heritage as a resource for scientific research in the field of history. From the documentation constituted due to the trajectory of the musicologist Fr. Jaime Cavalcanti Diniz, we carried out a preliminary reading about the birth of the Music course at the School of Fine Arts of the University of Recife, now Federal University of Pernambuco, a study that advances as these memory objects present themselves as means to understand the relationships between the gestation process and formalization of the course and certain elements of Jaime Diniz's trajectory, one of its founders and first appointed director. The selected documentation presents itself as a heritage asset related to cultural practices in the field of music. It includes correspondence sent to the priest, incorporated into the José Antônio Gonsalves de Mello Library, at the Ricardo Brennand Institute, as well as photographs, newspaper texts, among other sources. Elements of the priest's intellectual formation allied to the articulation of his sociability networks were fundamental for Diniz to achieve the position of first director of the course, which at the same time contributed to the development of local musical cultures, practices and knowledge and ensured the construction and maintenance of a prominent and prestigious social place in the field of musicology, teaching and research in music in Brazil, factors that contributed to the subsequent patrimonialization of his personal archive.

Keywords: Documentary Heritage. Jaime Cavalcanti Diniz. University of Recife. School of Fine Arts of Pernambuco. Music Course.

Introdução

No presente artigo, apresentamos uma reflexão relacionada ao patrimônio documental constituído pelo musicólogo pernambucano Jaime Cavalcanti Diniz (1924-1989), que corresponde à documentação incorporada em 2002 à Biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello do Instituto Ricardo Brennand[49], desde então denominada ACERVO PE. JAIME DINIZ, conjunto memorial representativo à produção do conhecimento histórico sobre nossas culturas musicais. Compreendemos esse acervo portanto como recurso para a pesquisa científica no campo da história. Nesse sentido, para a realização de um exercício de leitura acerca dos seus usos possíveis, estabelecemos um recorte temático e documental referente ao nascimento do curso de Música da Escola de Belas Artes da Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco). Com isso, damos também um primeiro passo no objetivo de compreender a relação desse e de outros processos com elementos da trajetória do padre. Diniz teve importante

[49] O Instituto Ricardo Brennand é uma instituição museológica situada na cidade do Recife, no bairro da Várzea. A sua biblioteca é atualmente coordenada por Juliana Santiago, bibliotecária que integra o quadro de profissionais do setor desde a sua fundação.

participação na fundação do curso, sendo inclusive o seu primeiro diretor – o que ao mesmo tempo o coloca como personagem central nesta discussão e em parte evidencia a legitimação dos documentos que acumulou ao longo da vida como *bem patrimonializado*[50]. Ressaltamos desde já que, com esta iniciativa, não pretendemos mais que uma discussão em caráter exploratório: estudo preliminar e, em última instância, propositivo diante das possibilidades apresentadas pela análise documental. A pesquisa poderá ser ampliada, alcançando outros arquivos e fontes e, assim, exercer uma função ao menos provocativa, no sentido de instigar outros pesquisadores que eventualmente se interessem pelo tema.

A propósito do *corpus* de fontes de pesquisa, nos dedicamos a examinar documentos de gêneros diversos, principalmente aqueles que integram o ACERVO PE. JAIME DINIZ, além de fontes que nos ajudaram a compreender melhor os trânsitos do padre nos meios artístico e intelectual e as suas redes de relacionamento profissional. A seguinte documentação foi consultada:

i. Cartas disponíveis no ACERVO PE. JAIME DINIZ;
ii. Fotografias disponíveis no ACERVO PE. JAIME DINIZ;
iii. Ofícios e demais comunicações institucionais remetidas pela Universidade do Recife, disponíveis no ACERVO PE. JAIME DINIZ;
iv. Currículo de Jaime Cavalcanti Diniz disponível no ACERVO PE. JAIME DINIZ;
v. Matérias de jornal disponíveis via Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional;
vi. *Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Música – Canto (Perfil 9305-1)* da Universidade Federal de Pernambuco.

O recorte cronológico ficou estabelecido entre 1958 e 1961 e foi proposto por uma questão de ordem primária: segundo o site do Departamento de Música da UFPE, primeira fonte de informação que consultamos para a construção deste trabalho, os seus cursos (hoje são três – Bacharelado em Canto, Bacharelado em Instrumento e

[50] A expressão “patrimônio documental”, que permeia este artigo, não se limita aos documentos escritos em papel que encontramos nos arquivos históricos. É preciso considerá-la “ampliando o lugar-comum ‘arquivo’ para outros lugares de memória, incluindo variadas interfaces informacionais” (ALBUQUERQUE; SILVEIRA, 2023, p. 2). Feito o adendo acerca dessa diversidade abarcada pela expressão, quando neste artigo nos referirmos a patrimônio documental, compreenda-se que tratamos da sua dimensão propriamente arquivística.

Licenciatura em Música) tiveram início no ano de 1958, na então Escola de Belas Artes de Pernambuco. A data aí fornecida é anterior àquela que encontramos na consulta aos documentos do ACERVO PE. JAIME DINIZ, cujo conteúdo apresenta sempre o ano de 1960 como marco de fundação do curso. Numa rápida busca na internet, vimos que 1958 é data fornecida também pela bibliotecária Virginia Barbosa, em texto sobre a Escola de Belas Artes de Pernambuco (2009 [2007]), disponível no site da Fundação Joaquim Nabuco. Esta autora afirma no referido texto que tanto o curso de Música quanto o de Arte Dramática tiveram início naquele ano de 1958. Com isso, foi primeiramente na busca por resolver esse aparente descompasso cronológico – resolução que teria, antes de tudo, a função de delimitar e organizar uma investigação ainda por fazer – que nos debruçamos sobre o conjunto documental em questão. Isso possibilitou travar contato com processos ligados à construção e desenvolvimento de um ambiente formativo, de atividades e relações que é importante para a compreensão das práticas musicais vividas na cidade do Recife, e para além dela, naquele período. Dessa maneira, esta pesquisa, ainda que em fase incipiente, nos possibilitou identificar traços e começar a compreender alguns aspectos da relação que Jaime Diniz nutriu com a Universidade do Recife, assim como desse espaço de sociabilidades que integrava, com especial atenção para as memórias referentes à instituição e desenvolvimento do curso de Música em seus anos iniciais de existência.

Ressaltamos que a escolha do termo "nascimento" não se deu por acaso. Poderíamos ao invés disso ter pensado o nosso objeto nos termos de uma "construção". Entendendo que é também construção, preferimos contudo demarcar a ideia de que os elementos desse processo se distribuem em dois tempos: um de gestação, que vai até o primeiro semestre do ano de 1960; e aquele que se inicia a partir de um marco institucional oficial e publicamente definido: a criação da Escola de Música pelo reitor João Alfredo Gonçalves da Costa Lima[51] em 28 de março daquele ano e a nomeação de Jaime Diniz como "coordenador dos Cursos de Música da Escola de Belas Artes" (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2020, p. 14)[52], uma demarcação

---

[51] Fontes consultadas por Silva Junior para a sua dissertação de mestrado (2012, p. 117) o informaram que João Alfredo Gonçalves da Costa Lima teria nascido em Surubim, Pernambuco, em 1898, e falecido no ano de 1971, embora o pesquisador não tenha encontrado qualquer menção ao seu nome na consulta que fez aos registros de nascimento entre os anos de 1891 e 1934 no Cartório de Registro Civil do município (SILVA JUNIOR, 2012, p. 118). O período do reitorado de João Alfredo foi de 1959 a 1964.

[52] Na documentação consultada, às vezes aparece o termo "coordenação", às vezes o termo "direção".

que, se não significa um ponto de absoluta ruptura com relação às precedentes práticas relativas à música no contexto universitário, certamente inaugura nesse espaço novas dinâmicas intelectuais, artísticas e socioculturais. As agências de Jaime Diniz e a sua importância na constituição e condução do curso de Música em seus momentos iniciais de existência o ajudaram a alcançar um lugar de destaque e esse prestígio, por sua vez, fornece em alguma medida os elementos simbólicos necessários para a posterior patrimonialização do que o padre constitui como arquivo.

O acervo Pe. Jaime diniz: monumentalização de um indivíduo, patrimonialização documental

No próximo ano, mais precisamente no dia 1º de maio de 2024, será celebrado o centenário do nascimento de Jaime Cavalcanti Diniz. Uma efeméride assim, sabemos, é ocasião oportuna para fazer reverberar discursos de monumentalização do indivíduo a ser comemorado em razão dos seus feitos. A efeméride, aliás, é ela própria um desdobramento desse processo de monumentalização. A importância do Pe. Diniz para o campo da musicologia histórica está a esta altura já bem documentada. Sem a intenção de negá-la, outras possibilidades discursivas se abrem: é possível que busquemos compreender essa importância, por exemplo, para além dos discursos já proferidos, que se apoiam em alguns marcos biográficos reiteradamente apontados, como a descoberta e restauração do *Te Deum Laudamus* atribuído ao compositor recifense Luís Álvares Pinto (séc. XVIII) ou a inclusão do padre na Academia Brasileira de Música. Acreditamos que o centenário, momento em que seu nome certamente circulará com maior frequência e intensidade em espaços artísticos e intelectuais de diferentes estados do país, é também uma oportunidade para promover discussões possibilitadas por uma *redução de escalas* (REVEL, 1998) ao nos debruçarmos sobre o que foi documentado das suas experiências vividas. Esse movimento, por um lado, contribui para (ou tende a) desnaturalizar certas concepções a respeito do indivíduo estudado. Por outro lado, busca evidenciar relações com sujeitos às vezes esquecidos nas narrativas que consagram uma tal figura e os processos que atravessou. Essa leitura em escala reduzida é possibilitada pelo acesso ao próprio patrimônio documental, que é ao mesmo tempo produto da trajetória do indivíduo a que se refere e, como aparato simbólico, instrumento de sua consagração. Travar contato com a documentação do Pe. Diniz e analisá-la para a

compreensão de certos processos socioculturais a que esteve ligado nos conduz a uma leitura que, sem desconsiderar o valor do que ele construiu no campo da cultura, evita ao menos que permaneçamos limitados a simplesmente ecoar o que já foi dito sobre sua vida e legado intelectual. Nesse sentido, para ajudar a entender as ligações entre a monumentalização de Jaime Diniz e a patrimonialização do seu arquivo pessoal (Cf. DUARTE, 2013, p. 199), nos pareceu fundamental uma reflexão acerca da própria ideia de "patrimônio documental", numa reflexão que considera desde a procura por uma definição até as implicações socioculturais das manifestações que essa expressão busca representar.

A busca por uma conceituação ou definição para a expressão "patrimônio documental", inclusive em nível nacional, tem feito parte dos interesses de alguns estudiosos ligados ao que podemos chamar de universo dos estudos em/sobre informação e memória, o que aqui inclui disciplinas como a documentação, a ciência da informação, a arquivologia e a própria história (CARLI, 2013; RODRIGUES, 2016; LOUREIRO, 2020; ALBUQUERQUE e SILVEIRA, 2023).

É possível encontrar alguns elementos em comum na concepção dos diferentes textos consultados para esse fim. De forma geral, o patrimônio documental (em que se inclui o patrimônio arquivístico) tem sido circunscrito como um subconjunto dentro do conjunto mais amplo correspondente ao patrimônio cultural (Cf. VIEIRA, 2022). Antes bastante restrita às artes plásticas, principalmente no que se refere a produções de cariz religioso – representação que, aliás, detém considerável força ainda hoje –, a ideia de patrimônio histórico e cultural se expandiu e agora inclui também a categoria do patrimônio documental (DUARTE, 2013), como um conjunto de documentos que, para Marcia Rodrigues (2016, p. 122), provêm de uma produção intelectual e, na concepção de Daniela Albuquerque e Murilo Silveira (2023, p. 9), integram um conjunto de manifestações e representações culturais.

Como produto de investimento intelectual e por estar relacionado a manifestações e representações culturais – do presente e do passado –, o patrimônio documental não abarca a totalidade da experiência humana. Todo arquivo é uma seleção (Cf. CERTEAU, 2022, p. 69, 73, 75), um recorte e uma representação de experiências, é um conjunto de vozes desde o início permeado de silêncios (WISNIK, 1989, p. 18). Isso significa dizer que toda preservação é em si seletiva, o que, sabemos, oferece um grande

desafio aos profissionais que lidam com a memória, de historiadores a arquivistas (CARLI, 2013, p, 193-194). Considerar as memórias preservadas requer, portanto, compreender que há aquelas que, por alguma razão, não foram e que essa seleção é parte também de uma disputa simbólica (e política e institucional) sobre *o que é* e *o que não é* importante, necessário ou desejável lembrar. Hoje o arquivo constituído pelo nosso personagem em evidência corresponde (não sem certas defasagens) ao Acervo Pe. Jaime Diniz. Está, portanto, incorporado a uma instituição de memória, entidade custodiadora que se responsabilizou pela sua salvaguarda. De arquivo pessoal cuja responsabilidade habitava o seio familiar[53] à condição de conjunto documental custodiado por um instituto simbolicamente pujante, houve um movimento de patrimonialização, no sentido de que certos agentes, investidos nível suficiente de poder (Cf. TANNO, 2018, p. 99)[54], entraram em consenso sobre a necessidade de separar o referido arquivo para ser resguardado como bem patrimonial. Dessa forma, na esteira do que argumenta Crivelli Duarte (2013, p. 197), o sentido valorativo de um arquivo pessoal não reside em sua configuração simplesmente. Esse sentido se constrói também em função da trajetória da pessoa que o acumulou.

> O reconhecimento investido a estes personagens é transmitido às coisas relacionadas a ele. Entre estas coisas, seus documentos são incluídos. Com a impressão de que os arquivos pessoais são efetivas representações da vida do titular, eles passam a ser entendidos como um símbolo do sujeito. (DUARTE, 2013, p. 198).

Assumir a custódia do Acervo Pe. Jaime Diniz, assim como de outros arquivos de interesse científico, como foi o caso da documentação proveniente das atividades do historiador José Antônio Gonsalves de Mello (1916-2002), que dá nome à biblioteca, além de ser um ato que “denota o sentido de relevância daquele conjunto” (DUARTE, 2013, p. 200), permite construir caminhos para garantir o acesso à documentação e, dessa forma, para possibilitar e incentivar a produção do conhecimento científico. O Instituto Ricardo Brennand, ao adquirir esses conjuntos documentais, fazia uma escolha e nesse sentido se comprometia com um papel político ligado, principalmente, à promoção da cidadania (TANNO, 2018) e ao fortalecimento de identidades culturais

[53] Importante dizer que, entre cerca de 1989 e 2002, o arquivo de Jaime Diniz ficou sob os cuidados de sua irmã, Nitalva Diniz de Medeiros.

[54] Esse exercício de poder, segundo a autora, ocorre às vezes (muitas vezes, aliás) no sentido de legitimar determinadas vozes pelo silenciamento de grupos sociais minoritários, ou seja, pela impossibilidade desses grupos serem representados nas disputas pela memória.

como potência (Cf. PALMA PEÑA, 2013, p. 42). Preservar um arquivo como representante do patrimônio cultural é requisito básico para a garantia do acesso à informação. É uma maneira de fomentar o direito à memória para o exercício da cidadania (Cf. MERLO e KONRAD, 2015; DIAS, 2017; MONTALBÁN, 2022). O resgate e a salvaguarda de um conjunto documental alçado à condição de patrimônio não é tarefa simples, contudo é meio necessário se o objetivo é construir e reconstruir as memórias coletivas como condição para a formação de consciência histórica e para que identidades culturais sejam forjadas, reconhecidas e legitimadas (Cf. SANTANA e GALÁN, 2015, p. 33; RODRIGUES, 2016, p. 123). Nesse caminho, são diversos os desafios encontrados, que passam pela necessidade de reconhecimento e investimento por parte do poder público, pela consideração ao arranjo legal vigente e aos princípios técnicos para coleta, tratamento, organização e disponibilização – o que demanda colocarmos em perspectiva o perfil da instituição custodiadora, as características próprias da documentação, as demandas informacionais dos usuários interagentes e as condições de trabalho adequadas quanto à disponibilidade de recursos humanos, materiais e tecnológicos para dar andamento a tais procedimentos –, entre outros.

Diante desse cenário de desafios tão diversos, no domínio mais abrangente em que se constitui o patrimônio cultural brasileiro Maria Loureiro (2020, p. 110) considera que o denominado patrimônio documental tem sido excluído e negligenciado pelas políticas patrimoniais no país. À sua voz reunimos as de Renato Crivelli Duarte e Maria Bizello (2012, p. 177), para quem os documentos de arquivos históricos no Brasil são vistos como marginais quando relacionados a outras categorias patrimoniais, problema que leva à sua desvalorização. No que concerne aos conjuntos documentais sob custódia institucional, compreendemos que tais constatações levam em consideração principalmente aqueles recolhidos por entidades do poder público. Esse não é o caso do ACERVO PE. JAIME DINIZ, incorporado ao Instituto Ricardo Brennand, uma instituição privada e autodeclarada como espaço cultural sem fins lucrativos. E, embora se deva destacar essa particularidade, a condição custodial do acervo não resolve por si só todos os problemas, inclusive no que se refere ao seu poder relativo de representação como bem patrimonial e, com isso, à sua circularidade como recurso para a investigação científica. Documentos guardados numa sala não exercem sua função como fontes históricas (DUARTE, 2013, p. 200) e, embora as instituições custodiadoras detenham

em si algum grau de poder para legitimá-los e monumentalizá-los, é preciso algo mais para garantir e promover o seu acesso. Além dos recursos tecnológicos que têm por finalidade fazer esses documentos disponíveis e consultáveis, recursos que são, sabemos, fundamentais, é preciso também compreender sua origem e contexto de produção, conforme argumenta José Guelfi Campos (2023), que, refletindo sobre o papel mediador dos arquivistas, ressalta entre outras qualidades a serem cultivadas, "el esfuerzo para establecer el enlace suficiente y necesario entre los documentos y sus contextos originales, el movimiento gradual que parte de la estructura para llegar a la sustancia de los documentos y darles nombre"[55] (p. 116). É portanto no sentido de buscarmos compreender os diversos processos que concorrem para dar origem ao ACERVO PE. JAIME DINIZ que propomos esse contato – reiteramos, inicial – com um momento da trajetória do sacerdote que corresponde ao nascimento do curso de Música da Universidade do Recife.

Gestação, nascimento e primeiros passos do curso de música da Universidade do Recife sob a direção de Jaime Diniz

Em 1960, o crítico e ensaísta Joel Albuquerque Pontes (1926-1977), que escrevia para a coluna "Diario Artístico" do *Diario de Pernambuco*, registrou na edição de 8 de abril que João Alfredo, na ocasião reitor da Universidade do Recife, havia feito as primeiras nomeações de professores para o curso de Música da Universidade do Recife e mandado que a Escola de Belas Artes abrisse as inscrições aos interessados (PONTES, 1960, Caderno 2, p. 3). A criação do curso de Música ocorreu em 28 de março. Na ocasião, Jaime Diniz foi nomeado o seu primeiro coordenador. Passado quase um mês, em 25 de abril foram abertas as inscrições para o ingresso dos primeiros discentes e as aulas tiveram início já no dia 2 de maio daquele ano (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2020, p. 14)[56]. A falta de um curso de música na universidade era considerada uma "deficiência" já desde os últimos anos de vida de

[55] "O esforço para estabelecer a ligação suficiente e necessária entre os documentos e seus contextos originais, o movimento gradual que parte da estrutura para chegar à substância dos documentos e nomeá-los.", em tradução nossa.

[56] É necessário pontuar que na seção 1.3 do *Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Música – Canto (Perfil 9305-1)* da UFPE, de onde obtivemos essas datas, há nota de rodapé explicando que, devido à falta de documentação, algumas informações foram reconstituídas a partir de conversas com professores e ex-professores do Departamento de Música (Cf. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2020, p. 14).

Joaquim Ignácio de Almeida Amazonas (1879-1959)[57], primeiro reitor da Universidade do Recife e antecessor de João Alfredo. Antes de morrer, Amazonas teria deixado "os primeiros planos no papel" para a criação do mencionado curso. Sob o seu reitorado, contudo, apesar de existir a ideia, não havia qualquer prazo concreto para que ela se tornasse realidade (PONTES, 1960, Caderno 2, p. 3). João Alfredo, que na gestão de Joaquim Amazonas era vice-reitor, ocupava também a posição de diretor da Escola de Belas Artes de Pernambuco. Teria sido dele a ideia inicial e foi durante o seu reitorado que o projeto enfim se materializou. A existência de um curso de música na Universidade do Recife, segundo Joel Pontes (1960, Caderno 2, p. 3), caminharia paralela à do Conservatório Pernambucano de Música e complementava a educação musical que diversos professores particulares cultivavam no Recife. Em razão da abertura do curso universitário foram ofertadas 18 vagas para estudantes. Os testes para ingresso ocorreriam, como se viu, na segunda quinzena de abril daquele ano. Para o corpo docente teriam sido contratados, de acordo com a fonte consultada, cinco professores que a princípio atuariam num período de vigência de um ano:

i. O Pe. Jaime Cavalcanti Diniz, que ficou responsável pelas cátedras de Canto Coral e História da Música;
ii. A pianista Josefina Barros de Aguiar, à frente da cátedra de Piano e Acompanhamento;
iii. A pianista Elyanna Caldas (nome artístico de Elyanna Silveira Varejão), responsável pela cátedra de Piano;
iv. A cantora Arlinda de Melo Rocha, assumindo a cátedra de Canto e Técnica Vocal;
v. O maestro Mário Câncio Justo dos Santos, que conduziu a cátedra de Instrumentos de Sopro.

O texto de Joel Pontes, ao se referir a esses profissionais, não deixa de expressar e ressaltar as suas qualidades, a experiência e comprometimento no campo artístico, assim como o reconhecimento do qual já desfrutavam naquele momento:

> Cinco artistas, várias vêzes experimentados nessas duras provas públicas que são os concêrtos, nomes bem conhecidos no ambiente musical, assíduos em se exibirem e aplicados ao estudo como se ainda

[57] O reitorado de Joaquim Amazonas ocorreu entre 1946 e 1959, ano em que faleceu (SILVA JUNIOR, 2012).

> fôssem alunos e não os mestres que realmente são [...]. (PONTES, 1960, Caderno 2, p. 3).

O Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Música – Canto (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2020, p. 14) nos traz um nome a mais, não citado na fonte anterior, entre aqueles que são considerados os fundadores do curso: o do professor e pianista Edson Magalhães Bandeira de Mello (1931-2019), que se dedicou às cátedras de Piano e de Teoria Superior. Mello inclusive ocuparia também, ainda na década de 1960, a posição de diretor do curso de Música (ALBUQUERQUE, 2015, p. 94, 101). Além desses seis primeiros, outros professores foram também convidados a participar[58], ampliando o corpo docente em momento posterior:

i. Luis Soler Realp, à frente das cátedras de Violino e Música de Câmara;
ii. José Carrión Dominguez, assumindo as cátedras de Violoncelo e Violão;
iii. Ernst Schürmann;
iv. Yara Portella Maciel;
v. Sara Mutchnik Kauffman;
vi. Wascily Simões dos Anjos.

Essas nomeações coroavam um processo do qual se pode encontrar as raízes antes mesmo de 1960. É possível, a partir da análise do *corpus* documental selecionado, acompanhar em as articulações do Pe. Diniz com alguns dos atores envolvidos na concepção do curso de Música da Escola de Belas Artes. O desejo para que o padre ocupasse e se firmasse profissionalmente em espaços como a universidade e o conservatório brotava de uma conjunção de elementos: a constatação acerca das suas competências intelectuais e do seu talento – Diniz, como vimos, já gozava de algum reconhecimento nos meios em que circulava; compreendia-se também o consequente ganho que as duas instituições teriam com a sua inclusão e participação nos respectivos quadros docentes; e, para além disso, havia também questões de ordem mais pragmática conduzindo esse processo. Arlinda Rocha, por exemplo, uma entre os colegas do Pe. Diniz na iniciativa de fundar o curso, esteve comprometida com a integração profissional do padre. Em fevereiro de 1959[59], a cantora escreveu dizendo que tinha

---

[58] Os dois primeiros foram incorporados um semestre após a instalação do curso (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2020, p. 14).

[59] Entre 1958 e 1959, Jaime Diniz havia partido para Europa com a finalidade de incrementar a sua formação. Em fevereiro de 1959, estava ainda na Europa, em sua primeira temporada de estudos (a segunda ocorreria entre 1961 e 1962).

resolvido trabalhar no Conservatório Pernambucano de Música. Contou que conversara com "M. Augusto" (muito provavelmente o pianista Manoel Augusto dos Santos), que por sua vez revelou a possibilidade de convidar Diniz para trabalhar no conservatório, ao que a cantora teria respondido: "o senhor tem que fazer, isto se impõe, a presença do Padre Jaime no Conservatório vai dar-lhe um grande impulso" (ROCHA, 1959a)[60]. Por outro lado, ao tratar da Universidade do Recife, referia-se a uma Escola de Música "fantasma", sobre a qual informava: "nada até agora", acrescentando que uns "tais belgas" chegariam apenas em julho (ROCHA, 1959a).

Figura 1 - O Pe. Jaime Diniz em Roma no ano de 1959.

Fonte: Acervo Pe. Jaime Diniz.

Havia uma preocupação com as condições financeiras de Jaime Diniz durante o período em que estava na Europa – o que, na prática, encontrava resposta numa rede de apoio que visava não só à sua permanência já prevista como também ao prolongamento de sua estadia, caso assim desejasse. Assim, para além de questões particularmente ligadas à sua posição e prestígio social, ao esforço de inserção do padre nos quadros do Conservatório Pernambucano de Música e da Universidade do Recife se impunham

[60] Ao transcrever o conteúdo das fontes, optamos por desenvolver as abreviaturas, sublinhando os elementos acrescidos na transcrição, caso da citação relativa a esta nota.

questões mais elementares, de estabilidade profissional e subsistência. Contudo, a possibilidade do padre assumir a dianteira do curso estava em risco. O projeto estava sendo assolado por aqueles tais professores belgas citados por Arlinda Rocha, sobre quem, contudo, não conseguimos ainda traçar qualquer descrição, pois as menções a esses personagens na documentação consultada se limitam a evidenciá-los na sua qualidade de estrangeiros. Leão, outro correspondente do padre, cujo nome não conseguimos compreender na íntegra, também os mencionou quando lançava conjecturas em torno do retorno de Jaime Diniz ao Brasil, na ocasião ainda não acertado já que na avaliação do remetente tudo dependeria do que ocorresse com relação à universidade:

> Si [sic] o Senhor não for nomeado para a Universidade (vamos falar claro mas em probabilidades) valia a pena darmos um geito [sic] do Senhor permanecer mais tempo em Roma ou em outro ponto qualquer da Europa. [...]. Si [sic] sair a nomeação e o Senhor poder tomar posse em Junho, tambem era bom que o Senhor ficasse até então continuando seus estudos. [...]. 'Quanto a nomeação do Padre não se preocupe muito. Ele será aproveitado, na certa. Dizem que os tais professores belgas só chegarão em Julho, portanto, daqui que organizem tem tempo! Eu voltei a trabalhar no Conservatório Pernambucano... com certeza vou poder meter o Padre lá também.' (LEÃO, 1959, sublinhados do remetente).

Até o presente momento, não tivemos contato com qualquer documento que sugerisse atividade docente regular no conservatório. Vimos, contudo, que no primeiro semestre de 1960 o curso de Música já estava em fase de preparação para o início das aulas. Contudo, ao que parece as notícias não chegaram rapidamente ao compositor César Guerra-Peixe (1914-1993)[61], que, no final de março daquele ano, tratava da organização do curso de Música como se àquela altura ainda não houvesse qualquer definição mais concreta sobre quem assumiria tal responsabilidade. Na carta que enviou, o músico é mais um a fazer menção a, dessa vez, "um estrangeiro (qualquer)", o qual, segundo o compositor, João Alfredo objetivava trazer ao Recife para que organizasse o curso. Ponderando sobre quem assumiria tal responsabilidade, o próprio Guerra-Peixe se incluía, como se vê:

[61] Compositor, arranjador, regente, violinista, professor e musicólogo nascido em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Com ele, o Pe. Jaime Diniz estudou composição dodecafônica (CACCIATORE, 2005, p. 127, 178).

> O Reitor da Universidade do Recife, Dr. João Alfredo, me disse ter o firme propósito de trazer um estrangeiro (qualquer) para o Recife, a fim de organizar o Curso de Música tal como o entendesse, depois êle próprio trazendo os professores que achasse conveniente. || Bem, diante do interêsse de um grupo de pessoas – entre os quais elementos de vária tendência filosófica e profissão diversa – eu resolvi agir junto a pessoas que possam ter alguma influência na pessoa do Dr. João Alfredo, em quem, aliás, apreciei a sinceridade de propósitos revelados em suas palavras, embora não concorde com essa orientação. Não sei se o conseguirei. Possuo trunfos fortíssimos, mas estou vacilante diante da situação, pois detesto tais recursos. De qualquer modo, sou franco em dizer ao Padre Jaime Dinís que, na hipótese de eu vir a organizar o Curso, o seu nome será o primeiro a ser lembrado, não só para a classe de Música Religiosa – importante para essa região do País, onde não se estuda tal matéria com facilidade – como ainda para outra classe, que então dependeria de conversarmos. Vale dizer que o seu nome eu o mencionei para José Inácio, quando em sua residência conversávamos sôbre o assunto. || Assim, supondo que o Padre Dinis esteja mesmo interessado no Curso de Música, é possível que até venha a organizá-lo ou então só dirigí-lo. E nestes termos, é que espero não se esqueça do ex-dodecafonista, do ex-compositor de música de concêrto e que agora acabou se dedicando ao samba bossa nova, para poder viver mais decentemente... Tá? Na hipótese do Padre Dinís chegar primeiro, gostaria de pelo menos dar alguns palpites na organização do Curso – o que aguardarei quando chegar sua primeira carta nesse sentido. (GUERRA-PEIXE, 1960, sublinhado no original).

As fontes apontam, portanto, para a construção de uma expectativa quanto a Jaime Diniz ser nomeado para a Universidade do Recife, alimentada pelo próprio padre e por alguns de seus pares desde pelo menos o início de 1959. Ademais, é provável que já houvesse naquele período algum nível de articulação com o próprio João Alfredo nesse sentido, pois a esposa do reitor havia telefonado para Arlinda Rocha, solicitando que esta fornecesse o endereço do padre (ROCHA, 1959b). Não sabemos *se* e nem *como* teria havido efetivamente um esforço de convencimento colocado em prática para que o reitor João Alfredo considerasse e fosse de acordo com o nome de Jaime Diniz para organizar o curso de Música da universidade. René-Maria Brighenti, amigo do padre e seu colega de batina, sugeria na sua correspondência um possível descompasso de interesses que teria causado frustração em Diniz: "Lamento o caso do dr. João Alfredo e a escola de música: não há coisa mais triste do que se ver uma certa frieza onde se esperava maior compreensão." (BRIGHENTI, 1959b). Apesar disso, não deixava de apoiar o seu amigo, que certamente nutria esperanças quanto ao que definiria

o reitor, e concluía: “[...] E esta esperança eu a quero sempre sentir nas suas futuras cartas - virá o dia em que você terá a Universidade [...]” (BRIGHENTI, 1959c).

Toda essa discussão com a qual travamos contato a partir das cartas ocorria no ano anterior à fundação do curso. Contudo, a relação de Jaime Diniz com a Universidade do Recife estava estabelecida desde pelo menos 1958. A reitoria da universidade e o Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife auspiciaram a realização do Primeiro Curso Nacional de Música Sacra nesta cidade. O Pe. Diniz foi o seu idealizador, diretor e também professor de Latim Eclesiástico, Legislação Eclesiástica sobre Música Sacra, História da Música e Regência Coral. Além disso, era o padre já professor de Canto Gregoriano e Canto Coral na Faculdade de Filosofia do Recife. (ACADEMIA Brasileira de Música, 1961, Caderno 2, p. 3).

Figura 2 - Jaime Diniz (o terceiro da esquerda para a direita) junto a grupo em frente à Faculdade de Filosofia do Recife.

Fonte: Acervo Pe. Jaime Diniz.

No ano seguinte, o *Diario de Pernambuco* (DIRETORIO Academico da Faculdade de Filosofia do Recife, 1959, p. 6), entre setembro e outubro de 1959, divulgava um curso sobre Arte Moderna, promovido pelo Departamento Cultural do

Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia do Recife, a ser realizado no auditório daquela faculdade. Para esse curso, as seguintes conferências foram programadas:

- *História da Arte*, com Delfim Amorim[62];
- *Literatura*, com Moacir de Albuquerque;
- *Teatro*, com Cacilda Becker[63];
- *Escultura*, com Abelardo da Hora[64];
- *Música*, com Jaime Diniz;
- *Arquitetura*, com Heitor Maia Neto[65];
- *Pintura*, com Lula Cardoso Ayres[66];
- *Poesia*, com Carlos Pena Filho[67];
- *Cinema*, cujo nome do professor não foi divulgado na fonte.

É também a partir dessas informações que argumentamos sobre Jaime Diniz já ter naquele momento um nome estabelecido em algum nível no meio acadêmico e cultural. A lista acima, que inclui nomes como os de Abelardo da Hora e Lula Cardoso Ayres, também nos leva a presumir algo nesse sentido. É preciso levar em conta essa construção do lugar social e das redes de sociabilidade na intenção de buscar compreender os desdobramentos que se deram para a (e a partir da) formalização do curso de Música da Universidade do Recife. Ou seja, quando em 1960 foi formalmente chamado para selecionar e compor o seu quadro de profissionais, o Pe. Jaime Diniz já havia construído uma trajetória dentro da universidade e estabelecido uma rede de relações, dentro e fora dela, que o ajudaria a erigir o seu lugar como professor e uma posição de autoridade intelectual no campo da pesquisa em música no Brasil.

Ao que indicam as fontes, num intervalo de poucos dias desde a nomeação do padre, este seguiu em viagem já na condição de diretor da Escola de Música. Segundo António Pinto Machado (1960), cônsul de Portugal no Recife naquele tempo, Jaime Diniz havia partido com o objetivo de "reunir alguns elementos" para o curso. Na sua

---

[62] Arquiteto e professor português nascido em 1917 e falecido em 1972 (DELFIM Fernandes Amorim, 2017).
[63] Atriz nascida em Pirassununga, no ano de 1921, tendo falecido em São Paulo, em 1969 (CACILDA Becker, 2023).
[64] Abelardo Germano da Hora (1924-2014) foi um escultor, desenhista, gravador, ceramista e professor pernambucano nascido na cidade de São Lourenço da Mata. É visto como um dos personagens de maior relevo das artes plásticas em Pernambuco (ABELARDO da Hora, 2023).
[65] Arquiteto pernambucano (Cf. HEITOR Maia Neto, 2023).
[66] Pintor, desenhista, ilustrador, fotógrafo, muralista e cenógrafo recifense (LULA Cardoso Ayres, 2017).
[67] Poeta recifense nascido em 1928 e falecido em 1960 (ANDRADE, 2020 [2004]).

carta, que foi enviada a um "Frederico" (maestro português[68]) em 6 de abril de 1960 e da qual seguiu cópia para o padre, Machado faz menção ao caráter "interino" da contratação em questão, sustentada segundo ele enquanto se aguardava uma resposta do músico belga. O embaixador ressaltava ainda a importância do estabelecimento do curso como "autêntica Faculdade de Música, em nível verdadeiramente universitária [sic]". Por fim, registrou ao remetente o ânimo que o Pe. Diniz havia demonstrado quando viu o currículo de Frederico e o interesse em convidá-lo para que fosse ao Recife (certamente como mais um elemento para ampliar o corpo de profissionais a compor o curso):

> Ainda a propósito da recente nomeação do Padre Jaime Diniz para director (interino, e enquanto se aguarda a resposta de um músico belga) da Escola de Música da Universidade, quero dizer-lhe, Frederico, que ele ficou tão entusiasmado com o seu "curriculum" que me perguntou logo se o Frederico seria capaz de aceitar um convite para vir para aqui! Veja por isto como lhe tenho aqui preparado o ambiente. (MACHADO, 1960)[69].

A análise da correspondência do ACERVO PE. JAIME DINIZ nos dá acesso a sujeitos cotados a ingressar no curso e, de forma geral, à circulação do assunto na rede de relações do padre. Naquele pequeno texto escrito por Joel Pontes para o *Diario de*

[68] Concluímos se tratar do compositor e maestro lisboeta Frederico de Freitas (1902-1980). No *Espólio Frederico de Freitas: catálogo da correspondência recebida* (2017, p. 71-76, 116-117), publicação dos Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia (SBIDM) da Universidade de Aveiro (Portugal), constam 30 cartas enviadas pela pessoa de António Pinto Machado ("um dos melhores amigos de Frederico de Freitas e embaixador") àquele músico, entre os anos de 1945 e 1986, além de 5 outras, catalogadas sob o título "Consulado de Portugal – Recife", também remetidas pelo embaixador ao maestro. Não encontramos menções a Jaime Diniz consultando as informações desse catálogo, mas há para outros personagens envolvidos com a formação do curso de Música, como o maestro Mário Câncio e a pianista Josefina Aguiar (Cf. ESPÓLIO..., 2017, p. 72, 108, 117). Convém, nesse âmbito, levantarmos a possibilidade de pesquisar as relações entre Frederico de Freitas, sua obra e o campo das práticas musicais no Recife daquele período.

[69] De todo modo, àquela altura havia já uma previsão para que Freitas fosse à capital pernambucana. Sabemos que António Machado se encontrava nesta cidade quando enviou a carta em questão. Nela, o embaixador demandava ao maestro informar-lhe uma data na qual pudesse viajar. A propósito da presença do compositor português no Recife, no *Espólio Frederico de Freitas* (2017), descreve-se carta de António Machado datada de 17 de julho de 1960 que seguiu com "desenhos da ornamentação do jantar de despedida do Maestro no Club Português" (no Recife) (p. 71). Com outra carta, de 23 do mesmo mês, seguiram "alguns objetos pessoais que o Maestro deixou ficar no Brasil", além de "um pacote com os cartazes decorativos do jantar de despedida [...]" (p. 71-72). Com tais indícios da presença do maestro, procedemos com rápida consulta à Hemeroteca Digital da BN, onde encontramos a data em que Freitas chegou ao Recife, após diversos adiamentos: 20 de maio de 1960, como apontam as fontes (Cf. MAESTRO Frederico de Freitas..., 1960, Caderno 1, p. 3). O maestro, entre outros compromissos, havia sido convidado a reger, à frente da Orquestra Sinfônica do Recife, a sua *Missa em Ré Bemol para Orquestra e Coro Misto*, por ocasião da homenagem pelos 500 anos da morte do Infante Dom Henrique (1394-1460). Assim, há elementos que nos levam a sugerir a construção de uma pesquisa acerca dessa presença e atuação.

Pernambuco (1960, Caderno 2, p. 3) apresentado na Introdução, por exemplo, consta que o padre viajou para o Rio de Janeiro e São Paulo levando o contrato de Edson Bandeira de Mello, com o intuito de convidar outros “artistas de categoria” para o curso. Entre as disciplinas para as quais Jaime Diniz buscava profissionais que pudessem lecionar estavam as de Harmonia e Canto Coral. Pensou no Pe. Talarico (muito provavelmente João Lyrio Tallarico, 1922-2009), que, agradecido, recusou o convite. Para ele, residir no Recife não era uma opção. Considerando o risco de que as coisas não dessem certo, avaliava que o retorno seria difícil. Argumentou ao padre: “Você, certamente encontrará [...] pessoas de muito maior competência. Eu sou um pobre coitado, de boa vontade mas de pouquíssima preparação musical, como você bem sabe” (TALARICO, 1960). Ao felicitar Diniz pela sua nomeação, Brighenti o informou, em carta do 27 de abril de 1960, que havia sondado uma Maria Teresa a pedido do próprio a respeito da possibilidade de “utilisá-la [sic] no ensinamento de órgão aí em Recife” (BRIGHENTI, 27 abr. 1960). Não sabemos até aqui se esse vínculo foi efetivado e tampouco encontramos elementos suficientes para afirmar se o plano seria integrá-la precisamente no curso da Universidade do Recife. De Caruaru, recebe o Pe. Diniz um cartão assinado por Dom Augusto, que recomendava a professora Janete Neves, diplomada pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, pelo seu interesse em ingressar na “Universidade de Música de Recife”. Por sua vez, o compositor Marlos Nobre escreveu ao Pe. Diniz do Rio de Janeiro dezembro daquele ano. Entre diversos assuntos tratados, contou que estava naquela cidade “um baixo absolutamente fabuloso”, um polonês chamado Bruno Wyzuj, para quem falou sobre o curso de música dirigido por Diniz. Disse que o cantor demonstrou interesse em dar um curso ele próprio no Recife. “Seria de um proveito enorme para todos”, concluiu Nobre, recomendando ao padre que conversasse com Arlinda Rocha a respeito do assunto. Por fim, de Porto Alegre, também no mês de dezembro Luis Soler escreveu para Diniz. Desejava dizer algo a respeito de José Carrión. Relatava ao padre que, devido à saída do violoncelista Jean-Jacques Pagnot da “cadeira de *cello* em Belas Artes”, Carrión seria o candidato mais provável para substituí-lo e que, apesar disso, ao que indicou Soler, o violoncelista espanhol se mostrou muito interessado no oferecimento que lhe fizera “em Recife”:

> Por um lado está cansado de Porto Alegre e por outro acha mais interessante ser fundador da cadeira de Recife que continuador da cadeira aqui, porque êle – como a maioria dos bons músicos de Espanha – se formou com bons professores particulares e tampouco têm diplomas oficiais. (SOLER, 20 dez. 1960).

Nesse caso, também se impunham razões práticas. Carrión precisava ter alguma segurança em termos materiais, que lhe garantissem a tranquilidade necessária para se instalar com a família no Recife.

Figura 3
Fotografia de encontro com José Carrión (ao centro, com o violão), com a presença do Pe. Jaime Diniz (o terceiro, da esquerda para a direita)

Fonte: Acervo Pe. Jaime Diniz.

Figura 4
O músico José Carrión se apresentando para uma plateia que incluía o Pe. Jaime Diniz (no centro da imagem).

Fonte: Acervo Pe. Jaime Diniz.

As fontes acima apresentadas e o seu exame nos fornecem uma amostra, portanto, da mobilização que foi necessária para que na Universidade do Recife fosse construído um ambiente propício à formação acadêmica em Música. O que se depreende da leitura da correspondência endereçada ao padre, assim como dos textos publicados nos jornais e demais fontes, é que, junto às competências que a sua formação lhe conferia, algum poder de articulação social foi imprescindível para que o objetivo de estabelecer um curso universitário de Música fosse viabilizado. No período entre a sua gestação e primeiros passos, o prestígio social e a tenacidade do Pe. Jaime Diniz, unidos a uma habilidade de articulação das suas redes, o ajudaram a conquistar e fixar posição como diretor, professor e organizador do curso de Música da Escola de Belas Artes da Universidade do Recife. Ou seja, o nascimento e a maturação daquele ambiente de formação de práticas e saberes musicais ao que hoje é o Departamento de Música da UFPE são elementos que ajudam a pensar a já mencionada monumentalização do padre, que, por sua vez, traduzida no centenário que se aproxima, pode acrescentar um verniz

simbólico à história dessa instituição e, com isso, reafirma-se o Acervo Pe. Jaime Diniz como patrimônio documental e bem cultural.

Considerações finais

Este artigo, dedicado a um recorte particular da trajetória do Pe. Diniz, foi também uma tentativa de evidenciar parte do patrimônio documental que é fruto do que este intelectual produziu e acumulou durante sua vida. Ao buscar compreender como se deu a relação do Pe. Jaime Cavalcanti Diniz com a Universidade do Recife em razão de um mapeamento documental preliminar sobre a formalização institucional do curso de Música nos foi possível travar contato com parte significativa das redes de relacionamento profissional do padre naquele período. O caráter exploratório desta pesquisa nos levou à prospecção de fontes e, a partir delas, à identificação de acontecimentos e interlocutores envolvidos em um processo cujos rastros podemos continuar a seguir a partir da documentação relacionada ao personagem em questão. É possível avançar e realizar um cotejo mais profundo e interrelacionado desses documentos e, com isso, produzir uma análise minuciosa e crítica dos processos que atravessam o dado recorte. Com o avanço das pesquisas, será certamente possível discutir as implicações e os impactos socioculturais da instituição do curso de Música da Universidade do Recife ao se construir uma abordagem crítico-reflexiva acerca do objeto em questão, seja na sua relação com o universo das culturas musicais das comunidades com as quais o curso produziu relações, seja quanto à formação e trajetória das entidades e agentes universitários do campo da música no país. Delinear essa proposta significa buscar instigar outros pesquisadores, pelo que foi aqui exposto, a aprofundar o que está apenas esboçado neste artigo (com suas lacunas e fragilidades) – seja no campo da história, da musicologia e/ou nos domínios da documentação, da ciência da informação e da arquivologia.

Consideramos que Jaime Diniz foi elemento agregador fundamental no esforço para convencer e reunir profissionais com o fim de consolidar um espaço de aprendizagem musical que, desde então e até hoje, sabemos, vem tendo papel importante na profissionalização de indivíduos e na produção e disseminação de práticas artísticas que colaboram para a construção, transformação, valorização e disseminação das identidades culturais locais por meio da expressão artística. Assim,

evidencia-se no Pe. Diniz não apenas as qualidades intelectuais próprias de sua formação (no Seminário de Olinda, ou no Seminário Central do Ipiranga em São Paulo, no Pontificio Istituto di Musica Sacra, no Liceo Isabela Rosatti, ou no Conservatoire de Paris). Fica indicada também na leitura do *corpus* documental examinado uma vontade política – vontade que o ajudaria a firmar e garantir um espaço de reconhecimento no campo da pesquisa e do ensino da música em Pernambuco, principalmente a partir da década de 1960. A esta altura do presente artigo, convém questionar: que representações seriam possíveis hoje ao promovermos a desnaturalização – de indivíduos, suas práticas e discursos – com relação ao que já se produziu a respeito da vida e obra de Jaime Cavalcanti Diniz? Concluímos lembrando algumas lições elencadas pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior: que o jogo da história se joga entre a lembrança e o esquecimento; que hoje não nos dedicamos a um culto às memórias, mas à sua problematização, pois "a história faz as memórias entrarem em crise para que partejem novos sentidos e novos significados" (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 37). Os arquivos são, nesse sentido, instrumentos para essas outras histórias possíveis, para a construção de novas representações e proposição de novos questionamentos e, assim, ampliação e diversificação de objetos de estudo científico em história.

Referências

ABELARDO da Hora. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21706/abelardo-da-hora. Acesso em: 19 out. 2023. Verbete da Enciclopédia.

ACADEMIA Brasileira de Música. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 24 dez. 1961. Caderno 2, p. 3.

ALBUQUERQUE, Daniela Eugênia Moura de; SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da. O patrimônio documental na literatura científica nacional da Ciência da Informação: pressupostos teóricos e práticos. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, e-126150, 2023. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/126150. Acesso em: 18 out. 2023.

ALBUQUERQUE, Janete Florencio de Queiroz. **Manoel Augusto dos Santos**: sua atuação no cenário pedagógico do piano na cidade do Recife. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11336. Acesso em: 21 set. 2023.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da História. In: GONÇALVES, Márcia de Almeida et al. (org.). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 21-39.

ANDRADE, Maria do Carmo. Carlos Pena Filho. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2020 [2004]. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/. Acesso em: 29 out. 2023 .

BARBOSA, Virginia. Escola de Belas Artes de Pernambuco. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=253&Itemid=1. Acesso em: 5 set. 2023.

BRIGHENTI, René-Maria. [**Correspondência**]. Destinatário: Jaime Cavalcanti Diniz. Roma, 1959a. 1 carta.

BRIGHENTI, René-Maria. [**Correspondência**]. Destinatário: Jaime Cavalcanti Diniz. Roma, 24 maio 1959b. 1 carta.

BRIGHENTI, René-Maria. [**Correspondência**]. Destinatário: Jaime Cavalcanti Diniz. Roma, 2 jul. 1959c. 1 carta.

BRIGHENTI, René-Maria. [**Correspondência**]. Destinatário: Jaime Cavalcanti Diniz. Roma, 27 abr. 1960. 1 carta.

CACILDA Becker. *In*: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349429/cacilda-becker. Acesso em: 29 out. 2023. Verbete da Enciclopédia.

CARLI, Deneide Teresinha de. O documento histórico como fonte de preservação da memória. **ÁGORA**: Revista do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina e do Curso de Arquivologia da UFSC, v. 23, n. 47, p. 183-197, 2013. Disponível em: https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/454. Acesso em: 20 out. 2023.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário biográfico de música erudita brasileira**: compositores, instrumentistas e regentes, membros da ABM. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. *In*: **A escrita da História**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022. p. 45-111.

DELFIM Fernandes Amorim. *In*: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa480544/delfim-fernandes-amorim. Acesso em: 29 out. 2023. Verbete da Enciclopédia.

DIAS, Fabiana da Costa. **Patrimônio documental**: gestão de acervos arquivísticos. Monografia (Especialização em Gestão em Arquivos) – Universidade Federal de Santa

Maria, Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/12615. Acesso em: 20 out. 2023.

DIRETORIO ACADEMICO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DO RECIFE. **Diario de Pernambuco**, Recife, 26 set. 1959. p. 2.

DIRETORIO ACADEMICO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DO RECIFE. **Diario de Pernambuco**, Recife, 2 out. 1959. p. 6.

DUARTE, Renato Crivelli. **A patrimonialização do arquivo pessoal: Análise dos Registros Memória do Mundo do Brasil, da UNESCO**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/items/d9c528fc-4403-4d6c-91de-dfabea1f3d46. Acesso em: 20 out. 2023.

DUARTE, Renato Crivelli; BIZELLO, Maria Leandra. Patrimônio, documentos e informação. **IBERSID**: Revista de Sistemas de Información y Documentación, v. 6, p. 173-178, 2012. Disponível em: https://www.ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/3990. Acesso em: 18 out. 2023.

GUELFI CAMPOS, José Francisco. Una costura fina: Archivo, información, mediación. **Información, Cultura y Sociedad**, n. 48, p. 109-118, 2023. Disponível em: http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/ICS/article/view/12585. Acesso em: 22 out. 2023.

GUERRA-PEIXE, César. [**Correspondência**]. Destinatário: Jaime Cavalcanti Diniz. 31 mar. 1960. 1 carta.

HEITOR Maia Neto. *In*: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa592140/heitor-maia-neto. Acesso em: 29 out. 2023. Verbete da Enciclopédia.

JOEL PONTES. *In*: **Enciclopédia Itaú Cultural**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa511078/joel-pontes. Acesso em: 29 set. 2023. Verbete da Enciclopédia.

LEÃO. [**Correspondência**]. Destinatário: Jaime Cavalcanti Diniz. Utinga, 16 fev. 1959. 1 carta.

LOUREIRO, Maria Lucia Niemeyer Matheus. Repensando a noção de patrimônio documental. **Memória e Informação**, v. 4, n. 2, p. 98-112, 2020. Disponível em: https://memoriaescravidao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/133. Acesso em: 20 out. 2023.

LULA Cardoso Ayres. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em:

http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21706/abelardo-da-hora. Acesso em: 29 out. 2023. Verbete da Enciclopédia.

MACHADO, Antônio Pinto. [**Correspondência**]. Destinatário: Frederico Guedes de Freitas. Recife, 6 abr. 1960. 1 carta.

MAESTRO Frederico de Freitas chega hoje ao Recife. **Diario de Pernambuco**, 20 mai. 1960. Caderno 1, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_14/2911. Acesso em: 29 out. 2023.

MARINHO, Andréa Carla Melo; COSTA, Alice Maria dos Santos; VASCONCELOS, Maria Valéria Baltar de Abreu; NASCIMENTO, Francisco Arrais. O tratamento da informação em partituras musicais: um estudo de caso da Biblioteca Joaquim Cardozo do Centro de Artes e Comunicação da UFPE. SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18, 2014. Belo Horizonte. Disponível em: https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/441-1908.pdf. Acesso em: 5 set. 2023.

MERLO, Franciele; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação. **Informação & Informação**, v. 20, n. 1, p. 26-42, 2015. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/18705. Acesso em: 20 out. 2023.

MOLINA, Talita dos Santos. **Arquivos privados e interesse público**: patrimonialização documental. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12778. Acesso em: 20 out. 2023.

MOLINA LÓPEZ, Marilín Isis; DELGADO-LÓPEZ, Yorlis; LÓPEZ MILANÉS, Maritza. Comunicación y archivos: un binomio indispensable para la preservación de la memoria histórica. **Culturas**: Revista de Gestión Cultural, v. 10, n. 1, 1-17, 2023. Disponível em: https://polipapers.upv.es/index.php/cs/article/view/19312. Acesso em: 22 out. 2023.

MONTALBÁN, Ekain Cagigal. El valor de los Archivos Históricos: más allá de lo histórico. Una visión desde la ciudadanía. **Revista General de Información y Documentación**, v. 32, n. 2, p. 454-465, 2022. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/83579. Acesso em: 22 out. 2023.

O DEPARTAMENTO de Música. *In*: **Universidade Federal de Pernambuco**. [*online*]. Disponível em: https://www.ufpe.br/musica. Acesso em: 5 set. 2023.

PALMA PEÑA, Juan Miguel. Valores sociales y valores patrimoniales: elementos para determinar la significación del patrimonio documental. **Revista de la Dirección General de Bibliotecas y Servicios Digitales de Información**, v. 16, n. 1, p. 33-45, 2013. Disponível em: https://bibliotecauniversitaria.dgb.unam.mx/rbu/article/view/18. Acesso em: 20 out. 2023.

PONTES, Joel. O curso de música. **Diario de Pernambuco**, Recife, 8 abr. 1960. Caderno 2, Diario Artistico, p. 3.

PONTES, Joel. Termina o curso. **Diario de Pernambuco**, Recife, 7 fev. 1960. Diario Artistico, p. 3.

PONTES, Joel. Viaja o Padre Diniz. **Diario de Pernambuco**, Recife, 12 abr. 1960. Caderno 2, p. 3.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

ROCHA, Arlinda. [**Correspondência**]. Destinatário: Jaime Cavalcanti Diniz. 15 fev. 1959a. 1 carta.

ROCHA, Arlinda Melo. [**Correspondência**]. Destinatário: Jaime Cavalcanti Diniz. 13 mar. 1959b. 1 carta.

RODRIGUES, Marcia Carvalho. Patrimônio documental nacional: conceitos e definições. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 110-125, jan./abr. 2016. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8641846. Acesso em: 18 out. 2023.

SANTANA, Yanara Dorado; GALÁN, Ingrid Hernández. Patrimonio documental, memoria e identidad: una mirada desde las ciencias de la información. **Revista Ciencias de la Información**, v. 46, n. 2, 2015. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/58921. Acesso em: 20 out. 2023.

SILVA, Luiz Carlos; MIGUEL, Marcelo Calderari; COSTA, Rosa da Penha Ferreira da. Patrimônio documental no enfoque da literatura científica: um estudo bibliométrico na base de periódicos em ciência da informação. **Brazilian Journal of Information Science**: Research Trends, v. 15, 2021. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/10170. Acesso em: 20 out. 2023.

SILVA JUNIOR, Edelson de Albuquerque. **O reitorado de João Alfredo na Universidade do Recife-UR (1959-1964)**: patrimonialismo populista e modernização científica. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12841. Acesso em: 14 set. 2023.

TALARICO, João Lyrio. [**Correspondência**]. Destinatário: Jaime Cavalcanti Diniz. São Paulo, 2 mai. 1960. 1 carta.

TANNO, Janete Leiko. Centros de documentação e patrimônio documental: direito à informação, à memória e à cidadania. **Acervo**, v. 31, n. brasil, p. 88-101, 2018. Disponível em: https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/903. Acesso em: 20 out. 2023.

UNIVERSIDADE DE AVEIRO. **Espólio de Frederico de Freitas**: Catálogo da correspondência recebida. Aveiro: Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia da Universidade de Aveiro, 2017. Disponível em: https://www.ua.pt/file/47816. Acesso em: 18 set. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Música – Canto (Perfil 9305-1)**. Recife, 2020. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/39215/4330518/PPC+Bacharelado+Canto+Perfil+9305_sem+anexos.pdf/741942b1-fb3f-4dd7-b131-548cea2a1df1. Acesso em: 21 set. 2023.

VIEIRA, Thiago de Oliveira. O patrimônio arquivístico em discussão: origem e concepção de uma noção em consolidação. **PontodeAcesso**, v. 16, n. 2, p. 84-117, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/47886. Acesso em: 20 out. 2023.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.